

A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Izabel Cristina de Moura Sampaio¹

Orientador (a): Desiré Luciane Dominschek Lima²

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica e tem como tema: A importância do processo avaliativo na educação à distância. Seu objetivo é refletir sobre o papel da avaliação principalmente na educação à distância. Procurando mostrar as influências sobre a educação desde a sua origem, como instituição no Brasil, e os usos inadequados da avaliação escolar, além de discutir os problemas da aprendizagem que dizem respeito à questão do erro. A EaD é mediada pelas novas tecnologias que proporcionam a comunicação e interação de formas síncrona e assíncrona, transformando a sala de aula em um ambiente virtual. Valoriza o processo de ensino e aprendizagem cooperativo e colaborativo que se dá através dos meios eletrônicos. Mas, apesar de tantos avanços, há ainda a questão da avaliação, neste ambiente virtual, que exige o desenvolvimento de metodologias que possibilitem uma avaliação dinâmica e interativa. A avaliação no processo de EaD deve considerar a maneira como ocorre a aprendizagem que é fisicamente distante e atemporal, cooperativa, colaborativa e ao mesmo tempo individualizada.

Palavras chave: Educação. Erro. Avaliação escolar. EaD.

¹ Bacharel em Biblioteconomia e Documentação – FATEA – 2002/ Licenciatura em Pedagogia – UMESP – 2009/ MBA em Recursos Humanos – UNINTER – 2012.

²Doutoranda em Educação – História e filosofia da Educação Unicamp – Mestre em Educação-História e Historiografia da Educação – Universidade do Paraná – Especialista em Organização do trabalho pedagógico – Universidade Federal do Paraná- Especialista em Ciência Política – Universidade do Paraná- Pedagoga – Universidade Federal do Paraná – Professora de TCC's do Centro Universitário Internacional Uninter.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa apresenta uma reflexão sobre as consequências das influências que a educação brasileira vem sofrendo desde a sua origem, os abusos cometidos a partir dos resultados adquiridos das avaliações escolares e os problemas de aprendizagem relacionados à questão do erro. Tem como tema: “A *importância* do processo avaliativo na educação à distância” e seu objetivo é analisar o papel da avaliação principalmente na educação à distância.

Para se chegar ao assunto em questão é preciso fazer uma breve análise do contexto educacional, onde os índices de repetência e evasão das escolas brasileiras são grandes e a busca por soluções para o fracasso escolar é árdua.

Os fatores que causam o problema são muitos e entre eles se tem a formação precária dos professores, salários baixos e a falta de uma política pública para o setor.

Diante das dificuldades o professor se sente insatisfeito e impotente para exercer seu papel de mediador entre o conhecimento e seus alunos. Em meio a tanta confusão, o profissional da educação adota critérios de avaliação ora severo, ora suave demais, primeiro justificando a necessidade de atender as exigências de qualidade e em segundo afirma que é preciso evitar a exclusão.

Para os professores a questão está na avaliação do aproveitamento escolar, pois é através dela que se determina a repetência e/ou a evasão especialmente de algumas classes sociais.

É necessário refletir sobre o papel da avaliação e sobre as condições necessárias para que esta se efetue de maneira positiva, pois não pode ser confundida com julgamento que determina quem fica e quem é excluído da escola. A deve ser entendida como um processo que analisa o aproveitamento escolar favorecendo uma visão da realidade para que se possam desvendar os entraves entre os objetivos propostos e os resultados alcançados. A partir das informações adquiridas é possível fazer novos arranjos, solucionar as dificuldades e estabelecer um diálogo entre professor e aluno.

O educador ao avaliar precisa estar atento que aprender não significa incorporar conceitos e informações já concebidas, ao contrário é o ato de reinventar, de ir por outros caminhos, de fazer de maneira diferente, de associar, buscar e resolver os problemas. É necessário saber articular as leituras de mundo dos alunos

e a maneira como buscam soluções para resolver as situações problemas não apresentando o erro como um fim, mas como um novo problema a ser solucionado.

A EaD tem como desafio uma nova forma de conceber educação buscando criar ambientes virtuais atraentes e interativos, possibilidades de aprendizagem em espaços e tempo diferentes e inúmeras atividades diversificadas. É nesse novo cenário de grandes desafios na integração do presencial e do virtual que se pretende pensar a avaliação.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A história da educação brasileira é marcada por rupturas e esse processo tem início com a chegada dos portugueses que adentram o novo território impondo sua cultura europeia desdenhando a que já existe neste ambiente.

Os indígenas, que vivem em terras brasileiras, possuem sua cultura e um modelo próprio de educação, aliás, muito diferente do modelo europeu que é extremamente repressivo. Essa educação é interrompida com a chegada dos jesuítas que fundam a primeira escola brasileira e também impõem sua moral, fé, modelo educativo...

A primeira organização escolar no Brasil colonial já se concebe ligada à política colonizadora dos portugueses, ou seja, desde que a educação se organizou como instituição escolar é manipulada pelo poder dominante.

Em 1759³ a Companhia de Jesus é expulsa do país pelo marquês de Pombal que alega que os religiosos eram detentores do poder econômico e sua ação educacional visava os interesses religiosos ao invés do país.

Chegando ao Brasil os jesuítas⁴ tinham como objetivo disseminar a escrita, a leitura, o contar e o canto, mas especialmente cultivar novas vocações sacerdotais. Queriam estabelecer e preservar, na nova terra, a cultura portuguesa assim como sua ação jesuítica. Mas logo sentiram as dificuldades que o novo lugar lhes impunha como a mata virgem, os índios, considerados selvagens; os animais, a falta de recursos.

³ Linha do tempo: história da educação no Brasil. 2009. Disponível em: <<http://ocomprimido.tdvproducoes.com/2009/06/linha-do-tempo-historia-da-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 12 nov. de 2011.

⁴ Idem 3

O Ratio studiorum⁵, código pedagógico dos jesuítas, orientava a organização do ensino nas escolas e era composto por: gramática, humanidades, retórica, filosofia e teologia. As escolas se destinavam aos filhos de colonos que pretendiam seguir a carreira de advogado ou o sacerdócio, dando, assim, início a uma cultura brasileira elitizada.

A sociedade que começa a se formar está baseada na cultura lusitana, copia sua estrutura organizacional, seus costumes, sua religião. Porém o desafio de ensinar, educar e catequizar nesta sociedade, ainda em estado bruto, é um árduo desafio que nem sempre alcança êxito. Há também outras dificuldades como os colonizadores, que são apoiados pelo governo no tocante a escravização dos índios, fato que gera discórdia com os jesuítas que veem a conversão da alma tão necessária quanto o avanço da economia.

A mentalidade dos colonos⁶ de escravizar os índios e que a obra catequética é um obstáculo para o desenvolvimento econômico leva nativos e jesuítas a migrarem para regiões muitas vezes distantes e inexploradas, favorecendo assim a expansão da obra jesuíta.

A expulsão⁷ da Companhia de Jesus trouxe graves consequências à educação, pois não havia uma alternativa que pudesse substituir o sistema escolar existente até aquele momento.

O que se percebe é que desde o início a trajetória da educação brasileira é marcada pelo autoritarismo e exclusão social. Seu desenvolvimento é arquitetado de acordo com os interesses das classes dominantes que tecem uma ideia de educação para todos, mas que na realidade é para poucos. Essa farsa busca reproduzir a ideologia dominante, através da escola, estabelecendo um padrão de sociedade que sirva aos seus interesses.

Os problemas enfrentados pela educação atual têm base na sua constituição na colônia imperial e desde lá vem oferecendo um ensino dual, ou seja, um para a elite e outro para as classes menos favorecidas.

⁵ Idem 3

⁶ Idem 3

⁷ SOUSA, R. **Reformas Pombalinas**. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/historiab/reformas-pombalinas.htm>>. Acesso em 12 dez. 2011.

A educação chega aos dias atuais com um quadro de dominação amenizado, porém não sanado, sua busca é pela democracia e cidadania. Mas para alcançar seus objetivos é necessário que o cidadão se perceba como sujeito histórico⁸, ou seja, um ser autor, reflexivo e crítico.

Para uma sociedade se organizar é preciso dividir responsabilidades, ou seja, alguns terão maior poder de decisão que outros. O que importa para a democracia é que esse poder seja pautado pela cooperação, colaboração e pelo respeito à diversidade visando o bem estar da coletividade.

Historicamente a educação brasileira⁹ tem burlado o direito do cidadão a uma consciência crítica que o leve à busca do ser mais e à construção de uma sociedade com qualidade de vida.

De acordo com Freire¹⁰ a educação deve: ser democrática; desenvolver o espírito crítico, a cooperação, a colaboração; visar o coletivo. Mas para que isso se concretize é preciso que o educador repense sua prática e sua postura frente à maneira de conceber e mediar conhecimento.

Ao educador atual¹¹ não é mais permitido viver acomodado no ideário de uma educação bancária que apresentou conceitos prontos e não permitiu questionar ou fazer de forma diferente. Sua prática não pode estar alicerçada numa educação repressora e dominadora que verifica, classifica, promove e/ou exclui.

⁸ MARQUES, Luciana Pacheco; MARQUES, Carlos Alberto. **Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre educação**. Disponível em:
< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT13-1661--Int.pdf>>. Acesso em: 8/09/2012.

⁹ Idem 3

¹⁰ Idem 8

¹¹ SAMPAIO, I. C. M; SAMPAIO, A. A; FERREIRA, A. A. O. **O aluno de EaD e a função do tutor**. 2010. Disponível em: <<http://knol.google.com/k/izabel-c-moura-sampaio/o-aluno-na-ead-e-a-fun%C3%A7%C3%A3o-do-tutor/qmwrzadylaif/13#>>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

OS EQUÍVOCOS NA AVALIAÇÃO ESCOLAR

A sociedade vem sofrendo mudanças, transformações e grandes avanços em todas as áreas, mas o sistema escolar brasileiro¹² insiste em classificar seus educandos através dos acertos e erros.

A avaliação concebida como um ato de julgamento, verificação, classificação e comparação torna o processo educativo excludente¹³; anula as leituras construídas, a criticidade, gera o medo de errar e desmotiva o prazer em aprender. O educando deve ser avaliado de forma integral, seu desenvolvimento deve ser acompanhado passo a passo. O professor observando onde intervir promove o diálogo levando o aluno a revelar e perceber suas potencialidades.

Ainda de acordo com Nogaro¹⁴ para se evitar tiranias é necessário que se reflita sobre o conceito de erro, pois a partir da maneira como é concebido pode ser um fator decisivo, e na maioria das vezes irreversível, no sucesso ou fracasso escolar.

Refletir sobre o que venha a ser o erro é fundamental para propor uma discussão sobre a avaliação escolar. Segundo o dicionário Aurélio (1986, p. 679) erro é o mesmo que: “falta, engano, incorreção, desacerto, desvio do bom caminho”. Diante dessa descrição se tem uma ideia de fracasso, de engano, de desvio para o que é mal. O erro na avaliação escolar é visto como sucesso ou insucesso, ou seja, a partir de um objetivo a ser alcançado há a chance de ser bem ou mal sucedido.

Na educação, o erro¹⁵ precisa ser considerado como uma busca pelo conhecimento, por caminhos ainda obscuros para o aluno, que luta para resolver o problema proposto.

A escola, como agente transformador¹⁶ da sociedade, é concebida como um espaço que oportuniza e possibilita o desenvolvimento integral do educando, mas o que, ainda, se constata é uma forte preocupação com resultados. Sua prática continua engessada, apresentando verdades únicas, conceitos prontos e a direção

¹² NOGARO, A. **O erro no processo de ensino e aprendizagem**. s.d. Disponível em: <
http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_1_2.pdf>. Acesso em 18 dez. 2011.

¹³ Idem 12

¹⁴ Idem 12

¹⁵ ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **Avaliação e Erro construtivo Libertador: Uma Teoria-Prática** Incluyente em Educação. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

¹⁶ Idem 15

do como fazer. O aluno que não se enquadra a sua linha de pensamento é excluído, pois está fora dos padrões estabelecidos pela instituição.

De acordo com Freire¹⁷ somente quando a escola e o educador verdadeiramente valorizarem as vivências, identidade e cultura de seus alunos, estes serão capazes de formar consciências críticas e não conformistas, que se perceberão seres históricos interessados na busca do ser mais e não simplesmente no fazer.

A aprendizagem¹⁸ envolve fatores biológicos, sociais, cognitivos, afetivos, e muitos outros, por isso não há uma fórmula pronta para solucionar a questão do não aprender e/ou erro.

O ser humano é complexo e único¹⁹, para uma mesma realidade tem várias leituras, logo deve ser avaliado se respeitando sua unicidade. Dependendo da situação o erro é uma tentativa, mal sucedida, para a construção do conhecimento e conforme for concebido e apresentado será visto como uma fonte de crescimento ou de exclusão.

A escola²⁰, ainda hoje, mantém a postura de transmitir conhecimento para ser memorizado. Ela não se importa se o educando compreendeu ou não o que lhe foi apresentado e não lhe permite fazer diferente e desenvolver sua autonomia. O ensino é descontextualizado e não oportuniza a troca de experiências, não oferece desafios e priva o aluno do direito de autoria e/ou coautoria.

A escola precisa vencer seu maior desafio que é se tornar um espaço de vivências, descobertas e de apresentar o aprender como prazeroso, conforme Libâneo,

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos. (2005, p. 117):

¹⁷ Idem 8

¹⁸ LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem... mais uma vez**. 2005. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliacao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf>. Acesso em 10 jan. 2012.

¹⁹ HAMZE, A. **Avaliação escolar**. s.d. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2011.

²⁰ Idem 8

O “erro” é uma oportunidade do educador avaliar que caminho seguir para sanar as dificuldades de seu educando, buscando também detectar suas origens.

Compreender o erro e sua origem não basta, é preciso intervir de forma a conduzir o aluno a construir seu próprio conhecimento lançando mão de suas experiências e da sua interação com meio em que vive.

O difícil é transformar o erro em uma situação de aprendizagem, pois o professor que, hoje, avalia foi concebido em uma educação bancária.

Esse professor, que hoje está na sala de aula, foi formado numa escola bancária que não permitiu questionar, criar, fazer, transformar. Ele é resultado de um processo educativo que ensinou o aluno a adaptar-se e acomodar-se, os conceitos lhe foram apresentados como verdades prontas, únicas e imutáveis, sua função era memorizar, imitar, plagiar. Não teve oportunidades de ter novas ideias, de fazer diferente, para entrar na sala de aula teve que se despir de suas experiências vividas, pois não foram concebidas como um saber significativo. Sempre atuou como espectador recebendo e aceitando conhecimento, sem jamais participar da sua construção, sem poder questionar ou argumentar. Sua visão foi fragmentada, sua leitura crítica abafada, sua individualidade negada, sua imaginação e criatividade tolhidas, seu conhecimento padronizado e estático. (SAMPAIO, DUARTE, SILVA, 2009, p.2)

O educador formado por uma escola que sempre exigiu respostas uniformes e via seu público como uma massa homogênea tem dificuldade em avaliar seus educandos considerando suas leituras e experiências individuais.

É necessário que o docente se perceba como ser histórico e agente transformador de contextos capaz de provocar uma reflexão crítica e ética nos seus educandos. Para isso é preciso repensar sua identidade para consequentemente ressignificar sua prática e assim conseguir ver no erro uma possibilidade de crescimento do aluno e estabelecer uma relação de confiança com o mesmo.

Freire (1996, p. 161) afirma que é admirável a capacidade que o professor tem de despertar, estimular e desenvolver no aluno o gosto do querer bem e da alegria. Segundo o autor, o profissional da educação tem a capacidade de ver as diferenças como leituras de mundo que merecem ser respeitadas, mas tem dificuldade de instigar e desafiar a curiosidade deles e apesar dos esforços tende a domesticar suas descobertas.

O educador tem que ver e sentir o educando de maneira integral e singular para não lhe negar à humanidade e o direito à educação. Tem que questionar as práticas avaliativas que são limitadas e padronizadas.

O professor deve ter consciência de que a avaliação faz parte do processo educacional e auxilia no diagnóstico do desenvolvimento da aprendizagem, mostra que intervenções devem ser tomadas, define os caminhos a serem seguidos. Hoffmann (1993.p.55) Um professor que não avalia constantemente a ação educativa, no sentido indagativo, investigativo do termo, instala sua docência em verdades absolutas, pré-moldadas e terminais.

Segundo Abrahão (2000, p. 41), o profissional da educação deve ver as leituras construídas, por seus alunos durante o processo de aprendizagem, contextualizadas na sua ação. Assim o erro passa a ser visto como responsabilidade de ambos, ou seja, do professor que problematiza o conhecimento e do aluno que deve buscar soluções inteligentes para a situação problema.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA, FORMATIVA E SOMATIVA.

A avaliação deve ser um meio pelo qual o aluno possa exprimir o que aprendeu sobre determinado assunto. O professor precisa desenvolver vários meios de avaliação frequentes e contínuos que favorecerão uma análise da própria prática e um redirecionamento do seu trabalho. As avaliações contínuas permitem que os alunos percebam suas dificuldades e busquem meios para superá-las ampliando, assim, seus conhecimentos. Porém, antes, é preciso abolir a ideia de que para avaliar basta que o educando realize provas, que notas lhe sejam atribuídas e que a partir desses dados ele seja promovido ou retido.

De acordo com Demo (2008) e Hamze (2011) a concepção de educação transmissora de conteúdo, que exige memorização e que seu sujeito seja passivo, é ultrapassada. O aluno, na concepção pedagógica atual, é visto como um ser holístico, onde suas experiências e vivências são valorizadas; é considerado um ser histórico, ativo e dinâmico responsável pela construção do próprio saber.

Também de acordo com Marques (2012) para avaliar esse sujeito que faz e participa da história é preciso identificar conhecimentos construídos e diagnosticar sua aprendizagem com relação ao currículo exigido pela instituição escolar. Essa ação não se atém apenas nos resultados ou processos, mas também na investigação para identificar o que fazer de forma dialógica.

O resultado da investigação não é considerado como uma resposta certa ou errada, mas como uma amostra de conhecimentos construídos e aprendidos que possibilita uma nova visão para tomadas de decisões.

A avaliação diagnóstica permite ao professor tomar consciência dos conhecimentos prévios dos alunos e/ou diagnosticar as causas da dificuldade da aprendizagem facilitando o diálogo entre professor-aluno e aluno-professor.

Através dessa prática de avaliação o educador conduz seu educando a valorização de si mesmo, a auto-avaliação e a percepção de que o ato de aprender é principalmente sua responsabilidade. Quando o educando percebe que a finalidade da sua presença na escola não é tirar nota, mas aprender ele passa a dialogar e colaborar.

O diálogo é fundamental para o sucesso da aprendizagem e a torna prazerosa, pois promove a troca de ideias, experiências e o respeito pela opinião do outro que se sente valorizado.

A avaliação formativa é semelhante à avaliação diagnóstica, porém tem a função de acompanhar, promover e mediar o processo de aprendizagem do aluno identificando as dificuldades para redirecionar o trabalho pedagógico. Sua finalidade é a observação contínua, buscando compreender e refletir sobre todo o caminho realizado por seu educando, podendo realizar intervenções na construção de seus conhecimentos. O aluno passa a perceber que aprender não é algo pronto, acabado, mas um ato dinâmico que exige sua participação e colaboração. As atividades devem ser bem selecionadas, motivadoras e sem a ideia de classificação ou punição.

A avaliação somativa é periódica e tem por objetivo medir os resultados, é o balanço somatório de atividades formativas e tem por objetivo verificar, classificar e informar para dar certificações e/ou títulos. O processo de avaliação somativa é diferente do processo avaliativo formativo, pois o primeiro é pontual e privilegia os resultados e o segundo visa o processo interno, o caminho percorrido pelo estudante.

Segundo Luckesi (2005)²¹, já passou da hora dos educadores transformarem conceitos em práticas dentro das salas de aulas, devendo sair do discurso e partirem para a ação.

²¹Idem 18

A AVALIAÇÃO NA EaD

A EaD é uma modalidade de educação mediada pelas novas tecnologias que proporcionam novas formas de comunicação e interação sem se preocupar com as distâncias físicas e temporais.

O diálogo entre professor-aluno e aluno-aluno se dá através dos meios eletrônicos como: telefone, e-mail, listas de discussão, fórum, videoconferência, entre outros, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais participativo, cooperativo e colaborativo.

Neste ambiente virtual, que acontece a educação, não há como medir o espaço e o tempo, mas mesmo vivenciando um novo contexto educacional não se negligencia o lado humano do indivíduo.

Em qualquer forma de educação é preciso ter consciência de que educar, é proporcionar meios para que a mente do aluno se liberte para o ato criativo em uma busca constante do ser mais.

Na EaD o processo da avaliação²² deve ter a mesma atenção como nas outras formas educacionais, ou seja, o aluno deve ser orientado quanto ao seu desenvolvimento na aprendizagem, seu perfil precisa ser traçado e uma reflexão contínua do processo de ensino e aprendizagem deve ser realizada.

Os avanços tecnológicos²³ assumem um papel social e propõe uma nova forma de se adquirir e gerar novos conhecimentos. Surge uma nova visão de mundo com inovações na maneira como se aprende, ensina e avalia, obrigando o ambiente educacional a repensar suas estruturas.

A EaD permite que haja uma troca síncrona e assíncrona entre professor e aluno, fato inconcebível até algumas décadas passadas, que transforma a sala de aula em um ambiente virtual. Mas apesar dos desafios vencidos nesta modalidade há, ainda, outro a ser conquistado que é desenvolver metodologias que possibilitem uma avaliação dinâmica e interativa.

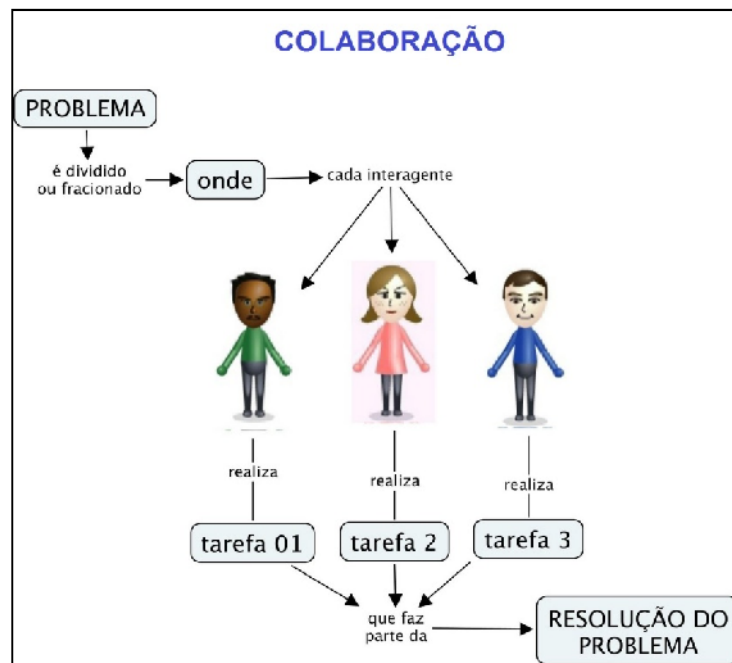
²² SARAIVA, T. **Avaliação da educação a distância**: sucesso, dificuldades e exemplos. 1995.

Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/213/2103032045.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

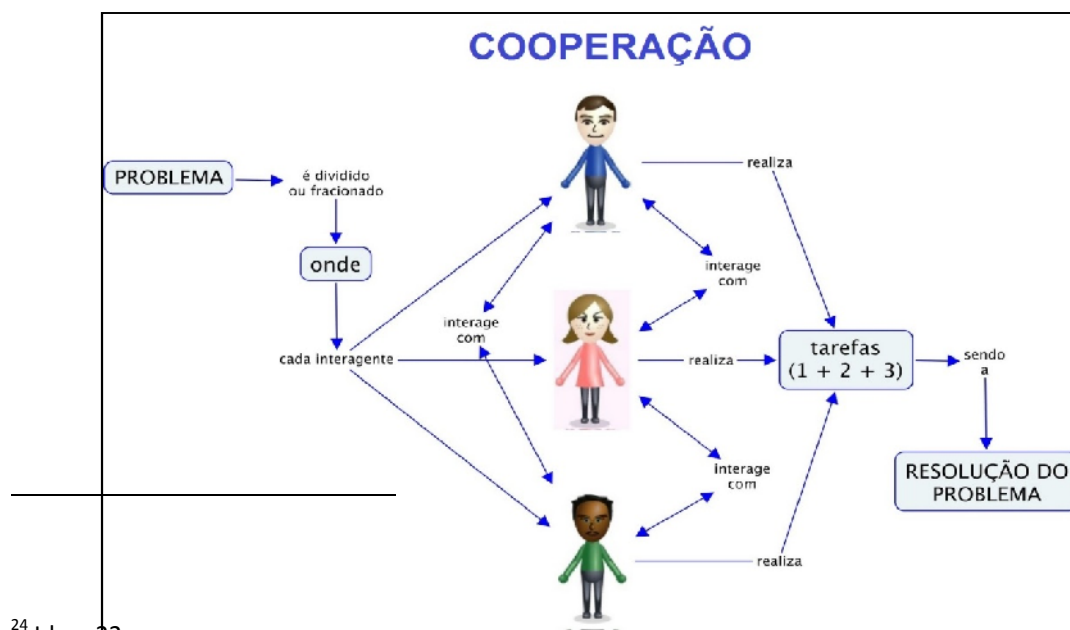
²³ Idem 22

A avaliação²⁴ no processo EaD deve considerar a maneira como ocorre a aprendizagem que é fisicamente distante e atemporal, cooperativa, colaborativa e ao mesmo tempo individualizada.

Para facilitar a compreensão abaixo se têm dois mapas conceitual de Pimentel (2009)²⁵ exemplificando como acontece à cooperação e colaboração na EaD:



Fonte: Pimentel (2009)²⁶



²⁴ Idem 22

²⁵ PIMENTEL, F. Processos de Cooperação e Colaboração. 2009. Disponível em: <<http://fernandoscipimentel.blogspot.com/2009/08/processos-de-cooperacao-e-colaboracao.html>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

²⁶ Idem 23

O aprender deve ser prazeroso, por isso dar forma e contextualizar os conteúdos é importante para que a aprendizagem gere satisfação e realização. A avaliação deve estar vinculada ao processo de ensino e aprendizagem, reproduzindo, com prazer, todo o trabalho realizado em classe. Quando o contrário acontece à avaliação serve apenas para medir e classificar o aluno.

É preciso ter consciência que avaliar envolve quantidade e qualidade e no sistema educacional não é diferente. Porém deve-se considerar a complexidade que envolve a educação, os sistemas sociais a que está atrelada e a unicidade dos sujeitos.

A complexidade da ação educativa, sua estreita vinculação com a prática social e cultural, sua multiplicidade de aspectos que se traduzem em variáveis socioculturais, sócio-políticas, socioeconômicas, psicossociais, exigem ainda a consideração de que estas variáveis se concretizam em expressões próprias de personalidades individualizadas, tanto de docentes quanto de discentes, que se relacionam diretamente ou através de mediações. (SARAIVA, 1995, p. 2)

O assunto avaliação é complexo de se entender e segundo alguns estudiosos cumpre o papel de “voz da consciência”, pois além de identificar caminhos que levam à aprendizagem questiona se estes são os mais adequados para a concretização da mesma.

No quadro abaixo se apresenta a ação complementar que se dá entre avaliação e voz da consciência:

AVALIAÇÃO	VOZ DA CONSCIÊNCIA
Perscruta os caminhos que levam à aprendizagem.	Investiga e sinaliza se esses são os caminhos mais apropriados.
Observa e percebe a qualidade de desempenho.	Investiga e sinaliza se houve suficiente e adequada objetividade na ação de observar e perceber.
Facilita a aprendizagem.	Investiga e sinaliza se as informações levantadas são as melhores para a obtenção de aprendizagem adequada e consequente.
Identifica como anda a aprendizagem.	Investiga e sinaliza sobre o seu nível de aproveitamento.
Colhe informações a respeito do rendimento escolar.	Investiga e sinaliza para as melhores decisões que favoreçam a aprendizagem.
Preocupa-se com a progressão escolar.	Investiga e sinaliza não ser função sua aprovar ou reprovar.
Zela para que a aprendizagem aconteça para todos.	Investiga e sinaliza para o respeito ao ritmo, às formas e à capacidade de aprendizagem próprios de cada aprendiz.

Estimula os atos de ensinar e de avaliar como processo simultâneo.	Investiga e sinaliza para que essa realidade de fato se perenize.
--	---

Fonte: Both (2010, p. 6-7)

A avaliação da aprendizagem na EaD, assim como em outra modalidade de educação, exige a complementação da voz da consciência que, por sua vez, exige que os atores envolvidos no processo sejam parceiros. O material didático, a metodologia de ensino, os objetivos do projeto político e pedagógico constituem o processo de avaliação.

As novas tecnologias apenas mudam as formas convencionais de avaliar, ou seja, através dos fóruns de discussão, chats, e outros meios eletrônicos, é possível uma avaliação, por exemplo, num fórum pode-se avaliar a capacidade de argumentação e estruturação de pensamento do aluno.

Em Mariane (2007)²⁷ se encontra algumas finalidades básicas que devem estar presentes na avaliação em EaD:

- “determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados;
- verificar como o aluno está assimilando os conhecimentos;
- estimular o desenvolvimento do raciocínio do aluno;
- estimular a capacidade de participação;
- buscar uma coerência na teoria e na ação;
- ser reflexiva, crítica e emancipatória;
- considerar todas as situações de aprendizagem;
- utilizar a observação constante do desempenho do aluno;
- utilizar instrumentos e procedimentos de verificação adequados a cada situação de aprendizagem;
- ser parte constitutiva de todo o processo educativo”.

Na EaD a avaliação é um processo contínuo que se realiza no diálogo entre alunos e professores. Em Mariane (2007)²⁸ se encontra a afirmação: “em EAD não há necessidade de ensinar para a avaliação, porque ela está dentro de todo o processo educacional, ela é onipresente”.

²⁷ <http://pt.scribd.com/fatimariani/d/12918911-educacao-a-distancia-novas-alternativas-de-avaliacao>

²⁸ <http://pt.scribd.com/fatimariani/d/12918911-educacao-a-distancia-novas-alternativas-de-avaliacao>

Há também os aspectos quantitativos e qualitativos usados para avaliar o desempenho dos alunos.

Os aspectos quantitativos medem em que nível os objetivos foram alcançados e podem ser realizados de forma presencial ou online. É preciso dar atenção à qualidade dos instrumentos utilizados na avaliação, pois esses devem mostrar com clareza os resultados obtidos quanto ao que foi ensinado e aprendido. Para a realização desse tipo de avaliação os instrumentos mais usados são as provas objetivas com questões de múltiplas escolhas e as provas discursivas que permitem avaliar as capacidades de argumentação e, forma de expressar as ideias e sintetizá-las.

Os aspectos qualitativos entendem que o processo é mais importante que o produto, porém não negam a relevância dos aspectos quantitativos. Por exemplo, não há como expressar em números a ética, a cidadania e, a solidariedade, requisitos de uma boa educação.

A avaliação qualitativa deve considerar as leituras elaboradas pelo aluno e seu envolvimento com o caminho percorrido.

Na qualidade não vale o maior, mas o melhor; não o extenso, mas o intenso; não o violento, mas o envolvente; não a pressão, mas a impregnação. Qualidade é estilo cultural, mais que tecnológico; artístico, mais que produtivo; lúdico mais que eficiente, sábio, mais que científico. (DEMO, p. 24)

É através da avaliação qualitativa que se determina os passos do processo de ensino e aprendizagem, sua eficácia e que atitudes devem ser tomadas para assegurar o bom desenvolvimento do aluno.

O caminho a se percorrer ainda é árduo, pois, apesar do sistema educacional ter evoluído, a maneira de avaliar seu aluno continua arcaico, apontando os mais fracos ou os mais fortes sem se preocupar realmente com a aprendizagem de cada um.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação brasileira é reflexo de uma estrutura que vem sofrendo transformações sociais, políticas e econômicas muito intensas.

No início o desejo de desenvolvimento econômico dos colonizadores leva a educação a atender os interesses da elite da época e assim continua até os dias atuais.

O ensino é excludente, descontextualizado, visando burlar a criticidade, não há uma preocupação com a educação básica e a ideia de que a instrução do povo é uma forma de combater a miséria desagrada quem tem o poder e não quer perdê-lo. Por isso a classe dominante busca manipular e influenciar a educação de maneira que essa não cumpra com seu papel despertando o povo para a realidade social e sua cidadania.

As modificações que influenciam a estrutura educacional vêm desde o período colonial e até os dias atuais a educação esta em segundo plano nos interesses do governo.

Com a vinda do Marquês de Pombal a educação é fortemente atingida pelas suas reformas trazendo-a para o Estado laico que passa a regê-la de acordo com suas finalidades.

... Ao afastar os jesuítas e ao assumir a responsabilidade pela instrução pública, Pombal pretenderá não apenas renovar o ensino em seus métodos e processos, mas laicizá-lo em seus objetivos, colocando-os a serviço dos interesses civis e políticos do Império Luso. (HAIDAR & TANURI, 2002, p.59-60).

Até hoje a educação brasileira luta para resolver os problemas que vêm desde sua origem, pois nunca foi vista como prioridade pelos governantes. Já se tornou cultura no Brasil o Estado atender aos interesses da elite. A esse respeito diz Buarque(2005)²⁹: “No Brasil nunca houve um compromisso de educar as massas brasileiras. A elite brasileira tem uma opção política, explícita ou não, de que basta educar os seus filhos - e ainda está educando mal. No Brasil se investe bem nos filhos dos ricos e basta ver que temos bons colégios particulares”.

Porém a educação faz parte da história e como ela não é estática, se movimenta e mesmo com dificuldades procura acompanhar as mudanças e transformações da sociedade para cumprir com seu papel de agente transformador.

²⁹ <http://www.inep.gov.br>

Buscando entender o percurso da educação brasileira, até os dias atuais, pretende-se abordar a questão do erro e da avaliação na escola.

Como já visto, a educação no Brasil sofreu vários embustes e luta para cumprir sua função socializadora e de desenvolvimento físico e cognitivo do sujeito, porém ainda sofre com paradigmas antigos. Por exemplo, o erro, na maioria das vezes, é acompanhado de castigo, pois a ideia é que se o aluno não fez o certo, o que se esperava que fizesse, é porque não estava prestando atenção. A justificativa é que se errou é porque não sabe, não se interessou, não estava prestando atenção, logo a culpa é do aluno. Mas nesse cenário há outros atores contracenando com o aprendiz como o professor e a escola. Qual é o papel deles? Qual é a responsabilidade de cada um? A aprendizagem não se efetivou ou o aluno ainda não completou seu caminho?

De forma implícita a punição ainda faz parte da filosofia da escola, apesar de vários estudos apontarem a direção a seguir. Determinam-se padrões, de certo e errado, a serem seguidos e não se permite ao aluno fazer diferente, logo se ele assim o fizer é caracterizado como erro passivo de punição. De acordo com Luckesi (1999, p. 48), "... a visão culposa do erro na prática escolar, tem conduzido ao uso do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte de decisão".

É função do educador fazer a ponte entre o educando e o conhecimento, conduzindo e amparando seu aprendiz, a partir de suas leituras adquiridas, a construir seu conhecimento. Esse trabalho é complexo e exige que o professor questione sua prática constantemente, pois foi formado por visões limitadas e padronizadas.

Atualmente o aluno é percebido como um sujeito histórico, que faz e participa da história, que chega a escola com experiências e vivências que o constituem como cidadãos críticos, sujeitos capazes de construir o próprio saber.

Para avaliar esse sujeito que se percebe histórico é preciso investigação para se identificar como estabelecer um diálogo entre professor, aluno e conhecimento.

Nesse diálogo será possível o educador diagnosticar os saberes que esse aluno possui para definir que atitudes tomar, gerando assim respeito entre ambas as partes. O aluno se sente valorizado quando percebe que se preocupam com ele e que a nota não é o principal fator de sua presença na escola.

Cada tipo de avaliação tem seu mérito, mas para que atinja seus objetivos é necessário que o educador entenda a real função de cada uma delas: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação tem como finalidade compreender e refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem para favorecer o desenvolvimento do aprendiz, jamais deve ser usada para excluir, classificar, verificar.

Na EaD o processo avaliativo é mais dinâmico, pois em todas as formas de interação o aluno é avaliado e apesar de compreender a importância dos dados quantitativos não fica presa a eles. Nesta modalidade de educação, o acerto ou o erro sobre determinada informação não é tão relevante como a avaliação de como este aluno se organiza e busca meios para resolver problemas.

Na educação, e principalmente na EaD, avaliar significa apontar caminhos, construir sucesso, estabelecer diálogo e, promover a aprendizagem e a cidadania.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org). **Avaliação e Erro construtivo Libertador: Uma Teoria-Prática Incluyente em Educação**. Porto Alegre: EDIPURS, 2000.

Avaliação na escola. 2008. Disponível em:

<http://www.pedagogia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/semanas_pedagogicas/2009/av_escola.pdf>. Acesso em 10 jan. 2012.

BUARQUE, C. “**A educação é uma questão cultural**”. Disponível em:

< <http://www.inep.gov.br>>. Acesso em 10 de Agosto de 2011.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. 9ª ed. Campinas: Autores Associados. 2008.

MARQUES, Luciana Pacheco; MARQUES, Carlos Alberto. **Dialogando com Paulo Freire e Vygotsky sobre educação**. Disponível em:

< <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT13-1661--Int.pdf>>.

Acesso em: 8 set. 2012.

HAIDAR, M. L. M. & TANURI, L. M. “A educação Básica no Brasil”. In: **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica** (vários autores). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

HAMZE, A. **Avaliação escolar**. s.d. Disponível em:
<<http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/avaliacao-escolar.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2011.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em construção da Pré-escola à Universidade**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA J. F.; TOSCHI, M. S.; **Educação escolar: políticas estrutura e organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Linha do tempo: história da educação no Brasil. 2009. Disponível em:
<<http://ocomprimido.tdvproducoes.com/2009/06/linha-do-tempo-historia-da-educacao-no-brasil/>>. Acesso em: 12 nov. de 2011.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem... mais uma vez**. 2005. Disponível em:<http://www.luckesi.com.br/textos/abc_educatio/abceducatio_46_avaliacao_da_aprendizagem_mais_uma_vez.pdf>. Acesso em 10 jan. 2012.

MARIANE, M. F. M. **Tutoria em EaD: uma nova proposta de avaliação da aprendizagem**. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/fatimariani/d/12918911-educacao-a-distancia-novas-alternativas-de-avaliacao>>. Acesso em: 26 jan. 2012

NOGARO, A. **O erro no processo de ensino e aprendizagem**. s.d. Disponível em:
< http://www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_1_2.pdf>. Acesso em 18 dez. 2011.

O processo de avaliação na educação a distância. s. d. Disponível em:
<<http://www.pgje.ufrgs.br/webfolioead/biblioteca/artigo6/artigo6.html>>. Acesso em: 13 de jan. 2012.

PIMENTEL, F. **Processos de Cooperação e Colaboração**. 2009. Disponível em: <<http://fernandoscpimentel.blogspot.com/2009/08/processos-de-cooperacao-e-colaboracao.html>>. Acesso em: 29 jan. 2012.

RIBEIRO, M. L. S. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 20 ed. Campinas: Autores Associados. 2007.

RODRIGUES, D. M. B. **Educação, poder e exercício democrático**. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/77.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2011.

SAMPAIO, I. C. M.; DUARTE, L. F. L.; SILVA, V. A. **O lúdico nas séries iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <<http://knol.google.com/k/o-l%C3%BAdico-nas-s%C3%A9ries-iniciais-do-ensino-fundamental#>>. Acesso em 18 dez. 2011.

SAMPAIO, I. C. M; SAMPAIO, A. A; FERREIRA, A. A. O. **O aluno de EaD e a função do tutor**. 2010. Disponível em: <<http://knol.google.com/k/izabel-c-moura-sampaio/o-aluno-na-ead-e-a-fun%C3%A7%C3%A3o-do-tutor/qmwrzadylaif/13#>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

SARAIVA, T. **Avaliação da educação a distância: sucesso, dificuldades e exemplos**. 1995. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/213/2103032045.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

SOUSA, R. **Reformas Pombalinas**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/reformas-pombalinas.htm>>. Acesso em 12 dez. 2011.